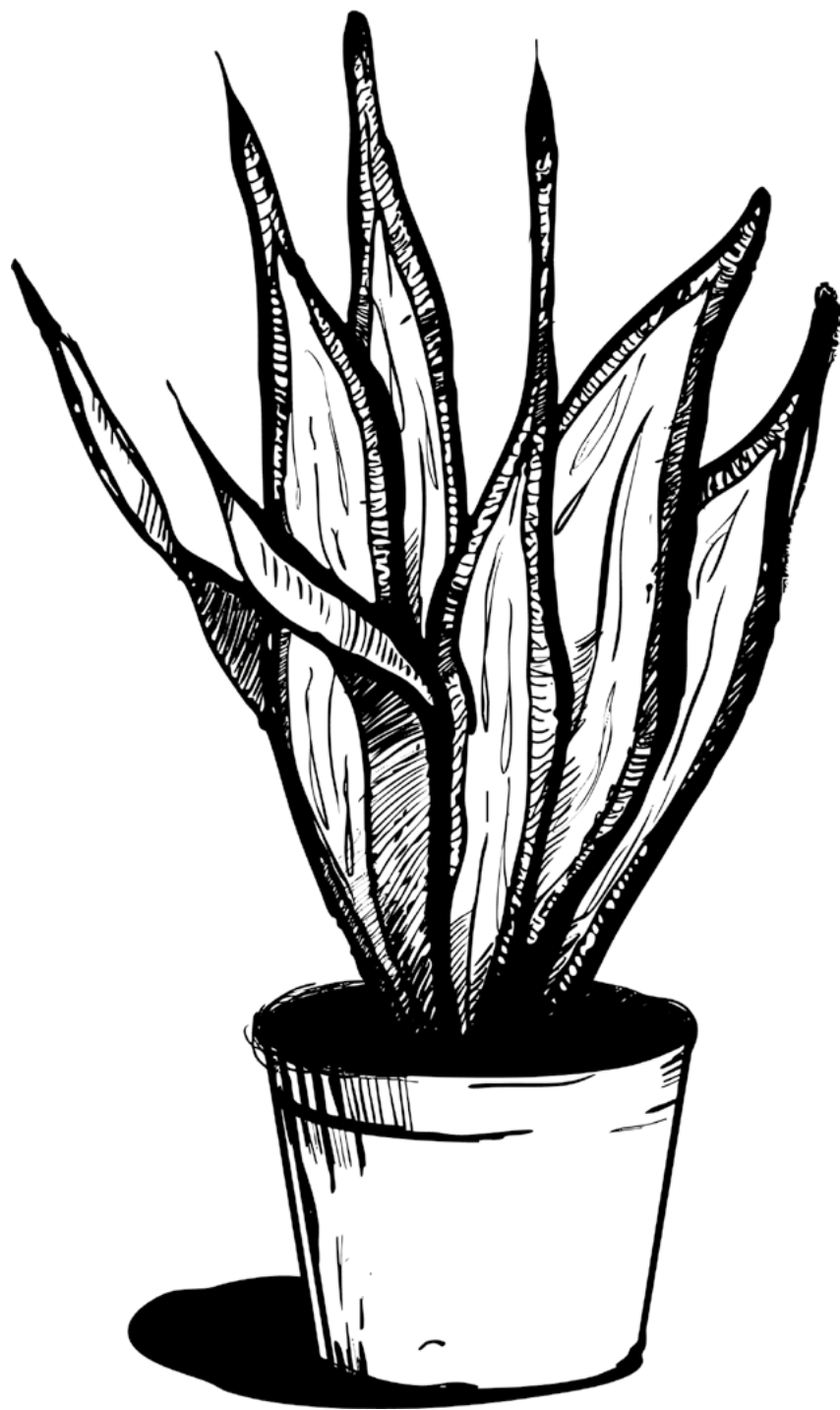




ENSAIO

Morenos e mercados, cholitas e sambódromos:

**ritualizando a ascensão boliviana
em São Paulo**



Vinícius de Souza Mendes ¹

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)

Universidade Paulista (UNIP)

Morenos e mercados, cholitas e sambódromos: ritualizando a ascensão boliviana em São Paulo

Resumo

Em cerca de dez anos, as festas folclóricas bolivianas em São Paulo mudaram significativamente de patamar - objetiva e simbolicamente. Antes realizadas em espaços reduzidos e protagonizadas por um pequeno grupo de fraternidades, agora elas irrompem por avenidas, praças e grandes estruturas públicas e privadas da cidade, como o Sambódromo do Anhembi, demandando mais recursos econômicos e, em paralelo, atores capazes de mobilizar e organizar o movimento de outras pessoas, mercadorias, narrativas, imagens e instrumentos de ação política. Neste ensaio, que acompanha um conjunto de fotografias dessas festividades produzidas entre 2019 e 2024, argumento que essa expansão da festa boliviana na metrópole é reflexo da ascensão socioeconômica de muitos bolivianos dentro da dinâmica produtiva paulistana. Os contextos festivos funcionam, então, como reinvestimentos da mesma espécie feitos por quem ascendeu. Isso acontece porque, na Bolívia andina, a festa é um acontecimento social próprio, em que o sentido é mais de ritualizar o social do que "celebrar".

Palavras-chave: São Paulo, festa; bolivianos; mobilidades; ascensão socioeconômica

Resumen

Morenos y mercados, cholitas y sambódromos: ritualizando la ascensión boliviana en São Paulo

En los últimos diez años las fiestas folklóricas bolivianas en São Paulo, Brasil, han cambiado significativamente - objetiva y simbólicamente. Antes realizadas en pocos espacios y lideradas por un pequeño grupo de fraternidades, ahora irrumpen en avenidas, plazas y grandes estructuras públicas y privadas de la ciudad, como el Sambódromo de Anhembi, demandando más recursos económicos y, paralelamente, actores capaces de movilizar y organizar el movimiento de otras personas, bienes, narrativas, imágenes e instrumentos de acción política. En este ensayo, que acompaña un conjunto de fotografías de estas festividades tomadas entre 2019 y 2024, sostengo que esta expansión de la fiesta boliviana en la metrópolis es un reflejo del ascenso socioeconómico de muchos bolivianos dentro de la dinámica productiva de São Paulo. Los contextos festivos funcionan entonces como reinversiones del mismo tipo realizadas por los que han ascendido. Esto se debe a que, en la Bolívia andina, la fiesta es un evento social propio, en el que el significado es más ritualizar lo social que "celebrar".

Palabras clave: São Paulo, fiesta; bolivianos; movilidades; ascenso socioeconómico

Morenos and markets, cholitas and sambódromos: ritualizing Bolivian ascension in São Paulo

Abstract

In about ten years, Bolivian folkloric festivals in São Paulo, Brazil, have significantly changed their level - objectively and symbolically. Previously held in small spaces and led by a small group of fraternities (*fraternidades*), they now burst onto avenues, squares and large public and private structures in the city, such as the Anhembi, demanding more economic resources and, in parallel, actors capable of mobilizing and organizing the movement of other people, goods, narratives, images and instruments of political action. In this essay, which accompanies a set of photographs of these festivities taken between 2019 and 2024, I argue that this expansion of the Bolivian festival in the metropolis reflects the socio-economic rise of many Bolivians within São Paulo's productive dynamics. The festive contexts then function as reinvestments of the same kind made by those who have ascended. This is because, in Andean Bolivia, the party is a social event of its own, in which the meaning is more to ritualize the social than to "celebrate".

Keywords: São Paulo; folkloric; Bolivian people; mobilities; socioeconomic ascension





Cholas, símbolos de La Paz e da própria Bolívia andina, dançam em uma festa boliviana em São Paulo (2019).



Festa de um bloco da
Morenada Señorial Illimani,
em São Paulo (2019).



Ch'alla de inauguração de uma
feira boliviana em Guarulhos,
região metropolitana de
São Paulo (2024).



Missa católica antes dos desfiles da festa Nosso Folclore e Fé, no Sambódromo do Anhembi (2024).





Na página anterior: Morenos da Señorial Illimani antes do desfile da fraternidade na festa Nosso Folclore e Fé, no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).

Inauguração de uma feira boliviana em Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo (2024)



Pasantes da festa Nosso Folclore e Fé trouxeram pelo menos 100 músicos de quatro bandas diferentes de La Paz, na Bolívia, para tocar no desfile do Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).



Eles ocupam lugar de destaque nas festas bolivianas, com papel picado e objetos pendurados ao corpo (2019).



Parte fundamental das festas,
as bandas bolivianas são
formadas basicamente por
instrumentos de sopro. Festa
na Praça Kantuta, em São
Paulo (2019).



Fraternidades de morenadas
desfilam desde grandes salões
de festas até eventos
privados e pequenos (2024).



Pasantes e padrinhos da festa realizam ritual católico antes do início dos desfiles da festa Nosso Folclore e Fé, da ACFIBB, no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).



Fraternidades de morenadas
desfilam desde grandes salões
de festas até eventos
privados e pequenos (2024).



Produção e distribuição de
imagens é parte inerente das
festas bolivianas (2024).

Na página seguinte: Fila de
cholas da Señorial Illimani.
Nosso Folclore e Fé,
Sambódromo do Anhembi,
em São Paulo (2024).





Fila de cholas da Señorial Illimani. Nosso Folclore e Fé, Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).

Na página seguinte: Fila de cholas da Señorial Illimani. Nosso Folclore e Fé, Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).





Na página seguinte: Fila de cholas da Señorial Illimani. Nosso Folclore e Fé, Sambódromo do Anhembi, em São Paulo (2024).



Fila de cholas da Señorial
Illimani. Nosso Folclore e
Fé, Sambódromo do Anhembi,
em São Paulo (2024).



Festa de um bloque da
morenada Señorial Illimani,
em São Paulo (2019).



Adereços utilizados pelos morenos
antes da festa Nosso Folclore e Fé,
no Sambódromo (2024).



Bebidas circulam tanto como dinheiro
quanto em um sistema próprio de
movimento de objetos (2024).



Festa pós-Carnaval na Praça
Kantuta, em São Paulo (2019).



LAJE

v.4 n.1
p. 305-335
2025

ISSN: 2965-4904

DOI: 10.9771/lj.v4i0.70766

Não há praticamente nenhum sábado ou domingo atualmente em São Paulo sem que alguma festividade folclórica boliviana não aconteça pela cidade. Em uma primeira leitura, essa afirmação pode parecer trivial, mas definitivamente não é.

Em primeiro lugar, tomando a festa objetivamente como um acontecimento social próprio, isto é, com suas próprias condições de possibilidade, características e demandas, assim como atravessada por suas próprias disputas, seu sentido na Bolívia andina se diferencia do que se entende o ato de festejar no cotidiano brasileiro – mesmo em seu aspecto “popular”. Enquanto aqui se sobressai o caráter de celebração, de extravase, de comemoração, e o cume da análise sociológica observe as grandes festas populares do Brasil como expressão momentânea e historicizada de muitos conflitos (sociais, raciais, políticos, etc.) sobre o que se celebra, nos Andes a festa é, antes de tudo, uma perpetuação fragmentada de rituais que serviam, no contexto pré-invasão europeia, à continuidade da reprodução das comunidades, redistribuindo recursos entre seus membros, demarcando períodos de colheita e semeadura e ritualizando o social em paralelo às divindades locais (SETO, 2012, FLORES, 2017). É por isso que, mais recentemente, a literatura (GUAYGUA, HINOJOSA, 2015) tem discutido como a festa na Bolívia andina funciona como um espaço de reconfigurações constantes de posições sociais, dando ênfase à ascensão socioeconômica de grupos sociais distintos em um país que, desde meados dos anos 1980, vem passando por transformações estruturais significativas. Tudo acontece segundo os ritos cristãos e práticas comunais andinas, como o ato de *challar* (agradecer à Pachamama umedecendo o solo com bebidas).

Em segundo lugar, essa afirmação não é irrelevante à medida em que, até pelo menos uma década atrás, as festas bolivianas em São Paulo não somente eram menores em tamanho – acontecimentos que se restringiam aos “espaços de bolivianidade” da cidade (FREITAS, 2014), como a Praça Kantuta, no bairro do Pari, na região central, em datas cívico-católicas, como homenagens às divindades cristãs populares no país – como também não tinham condições materiais de se alongar demasiado pelo tempo. Em outras palavras, eram em alguns sábados e domingos paulistanos que os bolivianos podiam fazer suas festas. Para além dos recursos econômicos necessários, que eram mais escassos, não havia atores com suficiente capital de rede (FREIRE-MEDEIROS, 2024) para mobilizar outros atores (padrinhos, bandas musicais, mas também operadores logísticos, confecções em La Paz, etc.) e um conjunto de coisas (adereços, comensalidade, instrumentos musicais, etc.). Da mesma forma, mercados que agora permitem que tudo isso se mova transnacionalmente com relativa facilidade, embora não sem fricções pelas fronteiras dos Estados nacionais e da própria metrópole, ainda não eram tão funcionais.

Há ainda uma terceira e decisiva percepção sobre esse fenômeno – e que tenho refletido na minha atual pesquisa: as festas bolivianas se expandem no contexto paulistano à medida em que seus protagonistas vão ascendendo socialmente, adquirindo condições de reconfigurar, tal como acontece na Bolívia andina, suas posições nessa metrópole em que chegaram (e ainda são tratados) como “migrantes”. Trata-se de uma verdadeira dobradura entre o trabalho e a festa, mas não mais apenas no sentido de que os protagonistas do momento festivo, que se apresentam sobretudo como *fraternal* de suas fraternidades folclóricas, dependem dos recursos adquiridos no âmbito produtivo para custear seus momentos festivos, ou mesmo de que a festa mobiliza muitos trabalhadores (geralmente informais já inseridos em lógicas semelhantes) para que possa acontecer. É também *porque a história da expansão física e simbólica das festas bolivianas em São Paulo é também a história das constantes reconfigurações das dinâmicas produtivas às quais eles estão inseridos*, mudando efetivamente as circunstâncias desses sujeitos nesse jogo. É dizer que, longe de serem agora só trabalhadores informais e precários da indústria têxtil (SILVA, 2008, IKEMURA, 2018), como já foi extensamente descrito por pesquisas anteriores, muitos bolivianos e bolivianas se reposicionaram nessa conjuntura, reunindo capitais que, por motivos distintos, são recolocados em circulação (ou investidos) principalmente através das festas.

É assim, por exemplo, que se a grande festividade folclórica boliviana de São Paulo começou, em meados de 2007, em um pequeno pátio externo da Missão Paz, no centro da metrópole, em 2024 ela precisou se desmembrar em duas grandíssimas festas públicas, de caracteres distintos, que ocorreram simultaneamente no Sambódromo do Anhembi e na Praça Heróis da FEB, ambos na Zona Norte – onde há uma população boliviana significativa, de acordo com os censos recentes. Elas foram organizadas por duas associações culturais diferentes, que hoje vivem em um conflito: a ACFIBB, fundada neste ano em meio às tratativas com a empresa que controla o sambódromo e que é controlada pelas fraternidades mais abastadas, de *morenada*, e a ACFBB, que existe há pelo menos 15 anos e possui articulações mais robustas com o Poder Público. Não à toa, uma festa aconteceu em uma área privada à qual só se acessava mediante pagamento de ingresso, e a outra se deu em um imenso quadrilátero viário fechado pela prefeitura dias antes.

O relevante aqui é observar como, em um intervalo de menos de duas décadas, tomando apenas essa imensa festa folclórica boliviana de agosto como objeto – acontecimento social central para os bolivianos da cidade –, ela se expandiu de muitas formas possíveis. Do ponto de vista objetivo, cresceu em fraternidades e *fraternos*, em recursos despendidos e em pessoas envolvidas, em mobilidades transversais desses atores, no sentido se moverem tanto no espaço quanto no tempo, mas também em mercadorias que circulam pelo entorno, em narrativas sobre o que ela é, sobre o “valor” da “cultura” boliviana, em imagens produzidas mais para a Bolívia do que para consumo no Brasil, e em ferramentas de ação política. Como consequência, as festas menores que atravessam o calendário festivo das fraternidades durante todo o ano vão se expandindo continuamente pelo mapa urbano, criando permanentes e temporários “territórios de encontro festivo” (GONZÁLEZ, 2012).

Do ponto de vista simbólico, o evento de agosto saiu de um lugar marcado pelo seu papel de recepção a migrantes recém-chegados, a Missão Paz, há uma década e meia, para ocupar o espaço onde acontece uma das celebrações mais importantes do Brasil: o Carnaval. Nesse mesmo período, conformando meu argumento, diversos autores (CÔRTEZ, 2013, FREITAS, 2014) contaram como grandes reconfigurações produtivas fizeram com que os bolivianos fossem deixando de ocupar apenas o papel de força de trabalho precária nas oficinas de costura paulistanas para irem, aos poucos, assumindo posições nas pontas finais dessas cadeias, como negociações diretas com clientes, lidando com demandas de grandes varejistas e, no limite, liderando as vendas diretas da produção própria em mercados paralelos como a *Feirinha da Madrugada*,

no Brás. Tudo se resume à afirmação orgulhosa que um senhor de 67 anos fazia a mim enquanto uma *morenada* desfilava pela avenida do sambódromo, em agosto passado: *"Nós trabalhamos muito tempo para estar aqui. Nos esforçamos muito nas oficinas e na feirinha da madrugada. E agora estamos colhendo os frutos que queríamos"*.

As fotografias desse ensaio atravessam todo um campo de pesquisa iniciado em 2019, durante meu trabalho de Mestrado (MENDES, 2021), e incursões mais recentes no período do Doutorado. Elas mostram as festas em diferentes dimensões e ocasiões: vão desde encontros fortuitos na Praça Kantuta, ainda um *ancoradouro* (FREIRE-MEDEIROS, 2024) para a "comunidade" boliviana em São Paulo, até a imensa festividade que irrompeu pela avenida do Sambódromo em agosto deste ano – um marco simbólico inequívoco para quem a viveu –, ou desde eventos em salões fechados, organizados pelos *bloques* que constituem as fraternidades folclóricas, até alguns detalhes de adereços que reforçam a nacionalidade boliviana justamente pela força da distância – além da própria imagem da *chola*, não mais apenas imaginário coletivo, mas também símbolo assumido pela Bolívia andina. Vale a pena olhar atentamente, como tenho feito desde o início do debruçamento sobre o tema, às feições dos sujeitos fotografados. Raramente sorriem, festejam, mas, ao contrário, dançam sérios, como se cumprissem uma missão. Estão longe de "celebrar" nos termos que conhecemos. É a ritualização do social em máxima intensidade.

Notas

1

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade de São Paulo (USP)

Referências

CÓRTEZ, T. R. **Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FLORES, J. **Potencial político de lo festivo: aprendiendo de la descolonización**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Facultad de Artes ASAB, 2017.

FREIRE-MEDEIROS, B. A metrópole do capital de rede: mobilidades socioespaciais e iniquidades urbanas. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 26, n. 60, p. 423-442, 2024.

FREITAS, P. T. **Projeto costura: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

GONZÁLEZ, M. S. Territorialidades del encuentro: las festividades bolivianas en Comodoro Rivadavia. In: SASSONE, M. *et al.* (org.). **Diversidad, migraciones y participación ciudadana: identidades y relaciones culturales**. Buenos Aires: IMHICIHU - Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas, 2020.

GUAYGUA, G.; HINOJOSA, A. La transnacionalización de la fiesta en el altiplano paceño. **Revista Boliviana de Ciencias Sociales**, La Paz, n. 37, p. 153-172, 2015.

MENDES, V. **“Orgulho y Devoción”: seguindo as fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

IKEMURA, A. A. **Identity, work, and mobility amongst Bolivian market vendors in El Alto and São Paulo**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - University of Essex, Essex, 2018.

SILVA, C. F. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SETO, J. **Un estudio antropológico de las fiestas aymaras: con relación al ciclo agrícola, la sociedad comunal y la ecología del altiplano boliviano**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Iberoamérica, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2012.

